



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE
CURSO SAÚDE COLETIVA**

**O IMPACTO DAS *FAKE NEWS* RELATIVAS À COVID- 19 NA ESFERA DA SAÚDE
PÚBLICA**

BIANCA RESENDE VIANA

CEILÂNDIA-DF

2022

Bianca Resende Viana

**O IMPACTO DAS *FAKE NEWS* RELATIVAS À COVID- 19 NA ESFERA DA SAÚDE
PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Saúde Coletiva. Orientadora: Prof^a Dr^a Larissa Grandi Vaitsman Bastos.

CEILÂNDIA-DF

2022

**O IMPACTO DAS *FAKE NEWS* RELATIVAS À COVID- 19 NA ESFERA DA SAÚDE
PÚBLICA**

BIANCA RESENDE VIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Saúde Coletiva da
Universidade de Brasília, como requisito para
obtenção de grau de Bacharel em Saúde Coletiva.

Aprovado em ___/___/___

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Larissa Grandi Vaitsman Bastos
Universidade de Brasília/Faculdade de
Ceilândia

Prof^ª. Dr^ª Marina Sodário Cruz
Universidade de Brasília/Faculdade de
Ceilândia

Prof^º. Dr^º Sérgio Ricardo Shierholt
Universidade de Brasília/Faculdade de
Ceilândia

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram em mim, me apoiaram e contribuíram para que esta conquista fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, pelo dom da vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo dessa caminhada árdua. A todos as pessoas que entraram no meu caminho e que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

Também sou grata aos meus pais, Clélia R. Domingos e Bartolomeu V. de Oliveira, por todo amor e compreensão que tiveram comigo nesse período. Desde o início da graduação dão o suporte necessário, apoio e incentivo para nunca desistir. Eles são a minha base para ser quem eu sou e estar onde estou.

Ao meu irmão, Bruno R. Viana por me apoiar nos momentos que precisei e pela paciência em me ajudar.

Os meus amigos de curso, em especial a Amanda Evelyn muito obrigada por todos os momentos bons e ruins que passamos juntos, experiências que levarei sempre comigo. Por toda a equipe da AVENIR, por terem embarcado no grande sonho que realizamos fundar a primeira empresa júnior de Saúde Coletiva.

Agradeço a todos os professores do curso de Saúde Coletiva, que me proporcionou todo conhecimento adquirido, por todo empenho e luta pelo reconhecimento do sanitarista. Em especial agradeço a professora Larissa Grandi, por toda dedicação, disponibilidade e instrução, sua ajuda foi extremamente importante. E aos componentes da banca examinadora, pela disposição.

Por fim, agradeço aos meus amigos e familiares que sempre estiveram comigo.

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito conectar infodemia e desinformação atreladas à *fake news* e como sua disseminação pode acarretar em sérios riscos à população mais especificamente se tratando do combate e prevenção da pandemia da COVID-19 e seus impactos para a Saúde Pública. Dentro disso, foram listadas as principais *fake news* veiculadas principalmente em mídias sociais como *telegram*, *whatsapp* e *facebook* a respeito da COVID-19. É importante frisar que os meios de comunicação não oficiais são os mais propensos a propagar notícias falsas, devendo a população ser mais criteriosa ao receber informações pelos aplicativos de comunicação, observando e podendo identificar por meio de passos, como: verificação da fonte; o título tem teor informativo?; a matéria tem conteúdo científico?; o texto tem estrutura de matéria jornalística/informativa?; entre outros que serão apresentados no decorrer deste trabalho. Por fim, no que tange aos governantes, instituições e órgãos relacionados à saúde, necessário impor medidas de combate às *fake news* através de fiscalização e maior orientação da população para não confiarem e propagarem informações inverídicas e, desta forma, evitar prejuízos à Saúde Pública.

PALAVRAS-CHAVES: Covid-19; Comunicação e informação em saúde; Saúde Pública; Infodemia; Fake News.

ABSTRACT

The present work aims to conceptualize infodemics and disinformation linked to fake news and how its dissemination can lead to serious risks to the population, more specifically when it comes to combating and preventing the COVID-19 pandemic and its impacts on public health. Within this, the main fake news spread mainly on social media such as telegram, whatsapp and facebook regarding COVID-19 were listed. It is important to emphasize that unofficial media are the most likely to spread fake news, and the population should be more careful when receiving information through communication apps, observing and being able to identify through steps, such as: source verification; Does the title have informational content?; does the matter have scientific content?; Does the text have a journalistic/informative structure?; among others that will be presented in the course of this work. Finally, with regard to governments, institutions and bodies related to health, it is necessary to impose measures to combat fake news through supervision and greater guidance of the population not to trust and spread untrue information and, in this way, avoid damage to public health.

KEYWORD: Covid-19; Health communication; Public Health; Infodemic; Fake News.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01.....	26
FIGURA 02	39
FIGURA 03	40

LISTA DE SIGLAS

MS – Ministério da Saúde

MSF - MEDICINA SEM FRONTEIRAS

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01.....	36
QUADRO 02	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JUSTIFICATIVA.....	14
3. MARCO TEÓRICO	16
3.1 COVID-19: a pandemia que marcou o século XXI	16
3.2 Comunicação e informação em saúde	19
3.2.1 Infodemia, Desinformação, Fake news e mídias digitais.....	19
3.2.2 Como a infodemia contribui para a desinformação?.....	24
3.2.3 O cenário político ante à veiculação de fake news.....	26
3.3 Fake news e COVID-19.....	28
4. OBJETIVOS	32
4.1 Objetivo geral	32
4.2 Objetivo específico.....	32
5. METODOLOGIA	33
6. DISCUSSÃO E RESULTADOS	35
6.1 Fake news relacionadas à COVID-19	35
6.2 Identificação e combate das fake news	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 começou na província de Wuhan, na China, em novembro de 2019, com o primeiro caso relatado em 31 de dezembro de 2019. Rapidamente se espalhou pelo mundo e foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020.

A partir disso, o mundo foi assolado por uma pandemia que, até meados de março de 2022 já ceifou 6,12 milhões de vidas. O vírus da COVID-19 foi o responsável pela, até então, maior pandemia do século XXI. Ocorre que, além da pandemia do vírus da COVID-19, a população mundial também foi acometida pela grande disseminação de *fake news* relacionadas a este vírus.

As *fake news* são denominadas como escritas e publicadas com a intenção de enganar e repassar desinformações, o que afeta o âmbito da segurança da informação, podendo trazer sérios riscos para toda uma população desprovida de conhecimento científico, por exemplo (MATOS, 2021).

Neste presente trabalho, será demonstrado através de pesquisas de dados científicos e reportagens que as *fakes news*, atreladas à infodemia e à desinformação, resultam em sérios danos à Saúde Pública.

A propagação e o compartilhamento desenfreado de notícias falsas, principalmente em aplicativos de mensagens (*telegram, whatsapp* etc.), prejudicam a compreensão correta a respeito do vírus da COVID-19, seus riscos, prevenções, tratamentos, desenvolvimento da doença e gravidade desta, além do que diz respeito também à vacinação.

O alastramento de *fake news* para o indivíduo e a coletividade é extremamente perigoso. No que tange à Saúde Pública, pode-se ter consequências desastrosas e até fatais, tendo em vista que, se falando na massificação de notícias falsas por meios de comunicação via *internet* a respeito da COVID-19 que orientam erroneamente a automedicação e a não vacinação sem qualquer fonte científica, por exemplo, levam as pessoas desinformadas a crerem naquilo que é incorreto.

Neste sentido, cumpre mencionar que o combate às *fake news* deve ser priorizado pelas organizações e nações mundiais, e, especificamente, se tratando do Brasil, é essencial que haja fiscalização do governo e conscientização da população à respeito da diferenciação de notícias verídicas e falsas.

Ainda, salienta-se que as maiores responsáveis pelas *fake news* são as mídias sociais,

especialmente: *telegram*, *whatsapp* e *facebook*, que têm os maiores números de compartilhamento de notícias falsas e de receptores.

Dentre as principais formas para avaliar se uma notícia é falsa ou não, mencionadas pelo Instituto Butantan, destacam-se: verificar o veículo onde a notícia foi publicada; analisar a estrutura do texto, se ele segue uma estrutura jornalística e se contém fontes (científicas, de preferência); a data de publicação da notícia; o sentimento que a notícia desperta no receptor daquela notícia.

Entendendo a gravidade da disseminação de *fake news* para a saúde num todo, a população poderá compreender e saber filtrar melhor quais tipos de informações irá compartilhar e, em se tratando de Saúde Pública, poderá evitar os danos a esta esfera que a desinformação acarreta.

2. JUSTIFICATIVA

Em uma época em que a tecnologia está em constante avanço, as notícias falsas são compartilhadas em uma velocidade que impacta diretamente a forma de funcionamento e propagação da tecnologia da informação, visto que somos consumidores e produtores de informações assim temos a autonomia para a descentralização da informação, a veracidade e o rigor científico. Com isso, seria necessário, porém é pouco usual buscar a fonte antes de compartilhar.

A desinformação pode causar problemas e impacto em diversas áreas na sociedade. Com a pandemia da COVID-19, a disseminação alcança um impacto maior e torna-se foco dos holofotes, mas cidadãos comuns e também aqueles que deveriam zelar pelas informações verídicas, compartilham conteúdos negacionista, como o uso de remédios sem comprovação científica, a falta do uso de máscara e entre outros (OLIVEIRA, 2020).

A produção e a criação de *fake news* obedece a uma lógica intencional para que seja compartilhada consolidando as informações dessa forma, por exemplo, nos movimentos denominados “antivacina”. Mas também, pode ser transmitidos por indivíduos desinformados que recebem e compartilham por meios de comunicação, sendo muito utilizado o *whatsapp* por estas pessoas. No contexto da pandemia, por ser uma doença nova, há um excesso de novas informações que se justifica pelas evoluções científicas e também pela falta de acesso à informação, assim cresce a disseminação de notícias falsas.

Deste modo, importante asseverar que, de acordo com a OMS, a pandemia da COVID-19 vem sendo acompanhada por uma grande infodemia - excesso de informação sobre determinado tema, por vezes incorreta e produzida por fontes não verificadas ou pouco confiáveis, que se propaga de forma acelerada e, em alguns casos, desenfreada/descontrolada.

Segundo Ferreira e Lima (2020), a palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, podem surgir rumores e desinformações, além da possibilidade de haver manipulação de informações com intenção duvidosa.

Na era da globalização e expansão dos meios de comunicação, esse fenômeno é amplificado pelas mídias sociais e meios tecnológicos como um todo e se alastra mais rapidamente, como um vírus, o que afeta fortemente Saúde Pública, vez que, com os cidadãos desinformados e crendo em informações falsas sobre como controlar o vírus, diminuir sua

propagação, evitar seu contágio e até seu desenvolvimento no corpo do indivíduo, pode impactar diretamente no resultado e na qualificação de pessoas infectadas e/ou tendo suas vidas ceifadas por falta de informação correta (XAVIER, F., 2020).

Quanto ao cenário político, vê-se que é de extrema importância que os governantes tenham discursos informativos baseados em notícias verídicas, na ciência e no real combate ao vírus, não propagando inverdades ou suposições, pois sabe-se que os indivíduos que estão ocupando espaços políticos de forma mais exposta – presidente, governadores, ministro da saúde e ocupantes do Congresso no geral – influenciam no direcionamento e, principalmente, no comportamento dos cidadãos a respeito do combate no que tange à propagação, controle, e o desenvolvimento do vírus da COVID-19, bem como outras doenças virais.

Destarte, é imprescindível que os governantes de um modo geral tenham posicionamento orientador e, de maneira nenhuma, propaguem notícias inverídicas ou que não estejam fundamentadas em embasamento científico, pois podem ocasionar impactos irreversíveis à Saúde Pública.

As notícias falsas que circulam na internet como um todo são disseminadas de forma muito rápida e cada dia mais crescente, as mídias sociais facilitaram a propagação desenfreada, o que, infelizmente, tem gerado resultados negativos, influenciando no descontrole da pandemia, vez que os cidadãos não buscam aprofundar suas pesquisas e confiam em notícias viciadas inverídicas, prejudicando, assim, a Saúde Pública e individual.

Os prejuízos causados por meio de veículos de comunicação – mídias sociais, principalmente, dando destaque ao *whatsapp* que hoje é considerado o veículo de comunicação que mais propaga *fake news*, que não transmitem informações corretas são muitos: os cidadãos acreditarem, por exemplo, na eficácia de medicamentos que na verdade podem trazer muito mais riscos à saúde do que evitar a evolução do vírus no corpo, na desnecessidade de utilização de máscaras e não aglomeração, e também sobre a vacina não ser necessária e poder acarretar em outras doenças etc.

Nesta lógica, é de extrema importância que haja uma maior fiscalização dos governantes a respeito das notícias veiculadas e disseminadas em sites e nas mídias sociais, principalmente, para que seja dada voz à ciência e que seja alertado aos cidadãos sobre as *fake news* e repetir sobre os cuidados com relação ao vírus e a importância da vacinação para a Saúde Pública e individual, além de não acreditar na eficácia de medicamentos não prescritos por profissionais da saúde e sem qualquer fundamentação científica.

3. MARCO TEÓRICO

3.1 COVID-19: A PANDEMIA QUE MARCOU O SÉCULO XXI

Pandemia denomina-se como uma doença infecciosa (por vírus ou bactéria) e contagiosa que ocorre em larga escala. Sobre pandemia, a diretora do Laboratório de Virologia do Instituto Butantan, Viviane Fongaro Botoss (2020) diz o seguinte:

Uma enfermidade se torna uma pandemia quando atinge níveis mundiais, ou seja, quando determinado agente se dissemina em diversos países ou continentes, usualmente afetando um grande número de pessoas. Quem define quando uma doença se torna esse tipo de ameaça global é a Organização Mundial da Saúde (OMS). Uma pandemia pode começar como um surto ou epidemia; ou seja, surtos, pandemias e epidemias têm a mesma origem - o que muda é a escala da disseminação da doença.

Entende Ferrarini (1977) que as doenças infecciosas são adquiridas e causadas por agentes infecciosos, transmitidos por organismos vivos. Pandemias e epidemias são produtos da existência desses patógenos e podem ser consideradas determinantes da sobrevivência humana.

Em vista disso, a análise histórica e social de pandemias e epidemias é fundamental, pois por meio dessas análises podem ser demonstradas barreiras sanitárias e sociopolíticas. É provável que pandemias e epidemias tenham muitos microrganismos como vetores, incluindo vírus e bactérias. Ambos são muitas vezes severamente letais e se espalham facilmente. Assim, a evolução das epidemias e casos epidemiológicos acompanha o desenvolvimento dos seres humanos, influenciando a tomada de decisões e direcionamento de países e mercados, destruindo vidas e mostrando a fragilidade humana (FERRARINI, 1997).

Dentre as maiores pandemias de todos os tempos, estão:

Peste bubônica: Conhecida também como peste negra, a doença se originou no Oriente e se espalhou para a Europa e Ásia na Idade Média. *Yersinia pestis* – nomenclatura científica – é uma bactéria que infecta camundongos e infecta humanos devido a pulgas infectadas. Esses sintomas são semelhantes aos de uma gripe forte, exceto que aparecem bolhas de pus e sangue por todo o corpo. Causou a morte de 25 milhões de pessoas ao redor do mundo (BARATA, 2020) .

Gripe Espanhola: Surgiu no fim da Primeira Guerra Mundial, como os primeiros casos foram registrados na Espanha, foi dado a ela o nome de Gripe Espanhola, sendo sua nomenclatura científica: *Influenza*. Foram infectadas em média 500 milhões de pessoas entre

os anos de 1918 e 1920, e estima-se que tenha resultado na morte de cerca de 20 a 40 milhões de pessoas (BARATA, 2020).

Tifo: No século XV, houve o primeiro grande surto desta doença, onde a bactéria causadora é transmitida nas fezes de piolhos, considerada uma pandemia após a Primeira Guerra Mundial, resultando em mais de 3 milhões de pessoas mortas ao redor do mundo entre 1918 e 1922. Principais sintomas: dores intensas de cabeça e febre, seguida por erupções cutâneas. Nomenclatura científica: *Rickettsia prowazekii* (BARATA, 2020).

Cólera: Relacionada principalmente à falta de saneamento, as pessoas costumam ser infectadas por esta bactéria após consumirem água e/ou alimentos contaminados. O principal sintoma é a diarreia aguda, que pode acarretar desidratação e até levar o contaminado a óbito. Mais de 30 mil pessoas já morreram desta doença, e ressalta-se que até os dias de hoje existem países de subdesenvolvidos que ainda sofrem com o *vibrião colérico* (nomenclatura científica) (BARATA, 2020).

Tuberculose: Seu patógeno é *Bacilo de Koch*, tendo levado quase 1 bilhão de pessoas a óbito. A sua principal alta de contaminação e óbitos deu-se entre os séculos 19 e 20, embora esteja presente em muitos países até hoje. Esta doença afeta os pulmões e, em alguns casos, outros órgãos do corpo. Principais sintomas: crises agudas de tosse com sangue e pus (BARATA, 2020).

Gripe “Suína”: Causada pelo vírus H1N1, o primeiro caso foi registrado no México. A Organização Mundial da Saúde elevou o status da doença para pandemia em junho daquele ano, após contabilizar 36 mil casos em 75 países. No total, 187 países registraram casos e quase 300 mil pessoas morreram. O fim da pandemia foi decretado pela OMS em agosto de 2010 (BARATA, 2020).

Importante mencionar que ao longo da história, condições precárias de vida, fome, moradia insalubre, acúmulo de lixo, falta de saneamento e tratamento de água têm sido condições favoráveis para grandes epidemias. No Brasil, dados publicados em 2017 mostraram que 61,4% da população tinham rede coletora de esgoto e 42,6% tinha coleta e tratamento de esgoto, sendo a região Sudeste a única onde o tratamento de esgoto atingiu mais da metade da população (BARATA, 2020).

Enfatiza-se que pandemias e epidemias têm como vetor problemas que fogem da ciência. Do ponto de vista teórico de que a doença é um fenômeno biológico e social, historicamente construído por meio de um complexo processo de negociação, controvérsia e consenso, este eixo de atuação visa compreender e enfrentar parcialmente os desafios colocados pela pandemia, para organizar uma rede de pesquisadores das ciências sociais e

humanas para pesquisar, responder e treinar como estratégias de enfrentamento à COVID-19 no Brasil (BARATA, 2020).

A Covid-19 foi classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com a nomenclatura de SARS-COV-2 (Covid-19). Até o presente momento, o número de contaminados pela COVID-19 ultrapassa os 491 milhões e de mortes os 6,15 milhões, conforme informações divulgadas pelo Ministério da Saúde (abril/2022).

De acordo com dados extraídos pelo Instituto Butantan (BOTOSS, 2020), a pandemia de coronavírus começou na cidade chinesa de Wuhan nos últimos dias de 2019. Seus principais sintomas são febre, falta de ar e tosse seca. Embora não tenha uma taxa de mortalidade tão alta (cerca de 1%), a doença se espalha facilmente, levando a um rápido aumento no número de pessoas infectadas e mortas pela pandemia em 2020.

O vírus SARS-COV-2 afeta principalmente os pulmões e pode levar ao desenvolvimento de pneumonia e insuficiência respiratória grave. Aqueles em maior risco são grupos de risco, incluindo aqueles com mais de 60 anos, os imunocomprometidos e aqueles com doenças cardíacas.

Uma questão a ser apresentada, é sobre a semelhança entre as pandemias da Gripe Espanhola e da COVI-19, veja-se a razão:

A Gripe Espanhola e a COVID-19, mesmo separadas por mais de um século de diferença, apresentam incontáveis similaridades. As ações dos governos, de 1918 e de 2020, se assemelham em diversos pontos, assim como a reação da população brasileira e suas ações. Ainda, é importante destacar que o conhecimento e acesso científico disponibilizado durante a Gripe Espanhola eram muito inferiores ao que temos atualmente, assim, a velocidade dos avanços científicos desses durante as pandemias não será comparada (ANDRADE; LOPES, p. 84).

Segundo informações extraídas do Ministério da Saúde (GOVERNO FEDERAL, online, 2021), o “vírus pode ser transmitido durante um aperto de mão (seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), por meio da tosse, espirro e gotículas respiratórias contendo o vírus”.

Neste sentido, o Ministério da Saúde (GOVERNO FEDERAL, online, 2021) também afirma que a epidemiologia do SARS-CoV-2 sugere que a maioria das infecções se espalha por contato próximo (menos de 1 metro), principalmente por meio de gotículas respiratórias. Não há evidências de transmissão efetiva para pessoas em distâncias maiores ou no espaço horas após a chegada de uma pessoa infectada.

Ainda, a transmissão aérea de gotículas menores contendo SARS-CoV-2 na comunidade é incomum, mas em circunstâncias excepcionais, gotículas respiratórias são produzidas quando uma pessoa infectada fica em um espaço fechado por longos períodos de tempo (mais de 30 minutos a horas). Nesses casos, vírus suficiente pode permanecer no espaço para infectar pessoas que estão a mais de 1 metro de distância ou que passam pelo espaço logo após a saída da pessoa infectada (GOVERNO FEDERAL, online, 2021).

As autoridades brasileiras estão preocupadas com as informações sobre uma nova doença que está surgindo no continente asiático. Embora o país não tenha registros de contaminação, indivíduos que chegam de locais afetados pela doença e apresentam sintomas são considerados suspeitos. Em 26 de fevereiro de 2020, o Brasil confirmou seu primeiro caso. O paciente havia retornado da Itália, que na época era o epicentro do surto. No mês seguinte, o Brasil estabeleceu medidas de quarentena devido à alta possibilidade de transmissão comunitária (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020).

3.2 COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO EM SAÚDE

3.2.1 Infodemia, Desinformação e *Fake News*

A produção, compartilhamento e uso da informação passaram por mudanças conceituais e práticas desde o século XV. A revolução do jornalismo de meados do século deu início ao que hoje é chamado de disseminação em massa da informação. O processo de reorganização do modo de produção capitalista, passando a enxergar a informação e o conhecimento como elementos essenciais do sistema produtivo (CASTELLS, 1999).

Nesse modelo social, além de tentar acompanhar o rápido desenvolvimento socioeconômico, o desejo de crescimento pessoal e melhores condições de vida, políticas, culturais, etc. Contribui para a disseminação de notícias falsas, que geram epidemias de informação e caos social que, por suas peculiaridades, é propício a informações falsas.

Existem vários fatores que facilitam a propagação das *fake news*, sendo as principais: o aumento descomedido de informações veiculadas por mídias sociais sem qualquer embasamento científico ou dados verídicos, compartilhadas de forma descontrolada

principalmente em aplicativos de comunicação como *Whatsapp*, *Telegram* e *Facebook*.

Os usuários destas mídias sociais tendem a acreditar em notícias falsas através do viés de confirmação, que desqualifica quaisquer informação que não está de acordo com a opinião do receptor da notícia e compartilham vídeos, matérias falsas, imagens que muitas vezes foram criadas com o intuito de repassar informações inverídicas até que fossem viralizadas.

Isso ocorre principalmente porque a maioria da população não tem conhecimento sobre o assunto e, uma vez também não tendo conhecimento científico sobre o assunto e muito apavorado com o estado de calamidade que a pandemia trouxe à população, acaba por acreditar na maioria das informações que são repassadas sem analisar ou buscar saber a sua veracidade.

Para discorrer sobre o tema, faz-se necessário trazer o conceito de infodemia e desinformação e, através disso, a definição de *fake news*. Logo, infodemia, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (BARCELOS e col., online, 2020) é:

O excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa. A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus.

Ainda, entende Zarocostas, J. (2020):

Conforme declarado pela OMS, o surto de COVID-19 e a resposta a ele têm sido acompanhados por uma enorme infodemia: um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa. A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus.

A infodemia nada mais é do que o excesso de informação sobre determinado tema, por vezes incorreta e produzida por fontes não verificadas ou pouco confiáveis, que se propaga de forma acelerada e, em alguns casos, desenfreada/descontrolada.

A palavra infodemia se refere assim a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, podem surgir rumores e desinformações, além da possibilidade de haver manipulação de informações com intenção duvidosa.

Ademais, a desinformação atrelada à pandemia COVID-19, de acordo com Rafael Matos (2020) trouxe graves impactos negativos para a Saúde Pública, tendo em vista que notícias falsas, vídeos, e até mensagens compartilhadas desenfreadamente com, por exemplo, supostos medicamentos milagrosos ou imunizantes contra o vírus – dentre eles hidroxicloroquina e ivermectina (também fomentadas pelo atual governo) – além da falsa afirmação de que altas doses de vitamina C ingeridas pelo indivíduo poderiam “matar” o vírus no organismo, entre outras notícias sem qualquer embasamento científico.

Ainda, começou a circular que a máscara de proteção, o uso de álcool gel e distanciamento de nada adiantam para reduzir/evitar a propagação do vírus, desinformações estas também corroboradas pelo atual governo, o que fez com que grande parte da população descreditasse do que alertavam os cientistas e profissionais da saúde no geral.

Nesta perspectiva, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, online, 2020) define a desinformação da seguinte forma:

Desinformação é uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações sobre a COVID-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade.

Grande parte dessas desinformações se baseia em teorias conspiratórias; algumas inserem elementos dessas teorias em um discurso que parece convencional. Estão circulando informações imprecisas e falsas sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, a causa, o tratamento e o mecanismo de propagação.

A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o

comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde.

Por sua vez, as *fake news* são definidas notícias falsas, ou seja, quaisquer notícias e informações inverídicas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em mídias sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.

O principal objetivo é gerar conflitos de informação e, conseqüentemente, gerar atenção das massas, a fim de prejudicar e/ou trazer confusão para os receptores desta mensagem ou até mesmo para o foco principal dela, como, por exemplo, a Saúde Pública.

Sobre *fake news*, entende SANTANA (online, 2018):

As *Fake News*, traduzidas para português “notícias falsas”, são notícias escritas e publicadas com a intenção de enganar. Ao considerarmos a prática no âmbito da segurança da informação, os desdobramentos vão além.

Existem cibercriminosos que se autodenominam militantes filosóficos e idealistas, mas a grande maioria utiliza desses recursos com o intuito de obter retorno financeiro. Na maioria das vezes, o valor pago é astronômico, variando de acordo com a finalidade do ataque.

As *Fake News* são disseminadas através das mídias de massa, em sua maioria redes sociais como Facebook e WhatsApp, não se limitando a elas. Geralmente, esses criminosos utilizam-se de *big data* e dos “rastros” que os usuários deixam na internet. A partir disso, traçam sua rota de ataque.

O grande propósito, muito mais do que tornar a mentira uma verdade, é disseminar e legitimar a dúvida acerca do assunto ou da pessoa que se quer atacar, deixando o agente do ataque vulnerável ao tema proposto.

No que tange à esfera da saúde, a circulação e o compartilhamento de *fake news*, através de mídias sociais, sites, aplicativos de mensagens – como *Telegram* e *WhatsApp* – acarretam danos irreparáveis à saúde.

Tais informações falsas por meio de mídias sociais, blogs, sites ou aplicativos de mensagens, podem trazer conseqüências sérias à Saúde Pública e individual. Essas conseqüências podem englobar, por exemplo, tratamentos questionáveis, alterações metabólicas do indivíduo e cobertura vacinal.

Desde o século XV, a produção, o compartilhamento e o uso de informações têm sofrido mudanças de ordem conceitual e prática. A Revolução da Imprensa em meados daquele século iniciou o que hoje se denomina de disseminação massiva da informação. Assim, no combate às *fake news*, é essencial que a população no geral saiba filtrar e tenha conhecimento suficiente para saber quais informações são confiáveis e verídicas (FERREIRA et. al).

A desinformação e as *fake news* são entraves no combate à pandemia e verificando o viés legal do assunto das *fake news*, importa informar que este não é um fenômeno novo e que existem rumores e várias teorias da conspiração desde os primórdios da humanidade, inclusive para ganho político.

No entanto, segundo SOUZA (online, 2021), com o advento da Internet, veio o alcance e a velocidade com que a desinformação veiculada. Tão rápida e disruptiva quanto o próprio coronavírus, as notícias falsas causaram um dano desproporcional no combate à pandemia.

Neste sentido, FERREIRA et. al. (2021, p. 32) aduzem que:

Na medida em que o fluxo informacional se intensificou, cresceu também o volume de informações falsas e/ou ludibrias, as chamadas fake news, que, em incontáveis casos, objetivam propagar uma desordem informacional. Wardle e Derakhshan (2017) caracterizam este fenômeno a partir de três categorias, a saber: desinformação, informação incorreta e má informação, evidenciando relações entre as fake news e a desinformação. Nesse exercício de categorização, Wardle (2017) argumenta que existem sete tipos distintos de conteúdo problemático no ecossistema de informações, a saber: sátira ou paródia, falsa conexão, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo de impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado. Atualmente, fake news apresentam-se como instrumento de manipulação em massa, muito utilizada para obter vantagens em conflitos sociais, políticos e econômicos, principalmente, em situações que fragilizam a capacidade humana de discernimento. “Embora não seja um fenômeno novo, a desinformação e a manipulação por meio de notícias falsas são um ‘boom’ hoje em dia, sendo um aspecto emergente da revolução da mídia e da informática em que vivemos.” (BOTEI, 2017, p. 139, tradução nossa).

Ressalta-se que a clarificação demográfica é fundamental, sobretudo nesta matéria, onde diariamente existe um desencontro de informação. Essas informações, corretas ou não, podem salvar vidas ou causar doenças e mortes.

O Senado (online, 20221) observou que as epidemias de informação definida como excesso de informação, dificulta a busca de fontes confiáveis, o que alimenta a desinformação

na sociedade. Além do Brasil, os 132 estados membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) ratificaram uma declaração para combater a disseminação dessa infodemia (AGÊNCIA SENADO, online, 2021).

Dentro disso, as notícias falsas propagadas pelos meios digitais relacionadas ao SARS-CoV-2 influenciam em como a população lida com esta doença e quais os cuidados decidem tomar, através de escolhas que, muitas vezes, são enormemente influenciadas por informações incorretas e prejudiciais à saúde tanto de um modo individual quanto coletivo.

Assim, através de pesquisas de dados, matérias jornalísticas e artigos científicos, verificou-se que, entre as consequências danosas que as *fake news* podem ocasionar, profissionais e familiares destacaram que sua ocorrência aumenta a desinformação e dificulta o entendimento e esclarecimento das pessoas leigas sobre questões relacionadas à prevenção, ao tratamento e ao enfrentamento da pandemia da COVID-19.

3.2.2 Como a infodemia contribui para a desinformação?

Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas mídias sociais e meios tecnológicos como um todo e se alastra mais rapidamente, como um vírus, o que afeta fortemente Saúde Pública, vez que, com os cidadãos crendo em informações falsas sobre como controlar o vírus, diminuir sua propagação, evitar seu contágio e até seu desenvolvimento no corpo do indivíduo, pode impactar diretamente no resultado e na quantificação de pessoas infectadas e/ou tendo suas vidas prejudicadas ou ceifadas por falta de informação correta.

Conforme a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (OPAS, online, 2020) prevê, a infodemia pode agravar a pandemia, vez que a desinformação está cada dia mais alarmante. Veja-se:

- Ela dificulta que fontes idôneas e orientações confiáveis sejam encontradas pelas pessoas de modo geral, pelos responsáveis pela tomada de decisões e por profissionais de saúde quando precisam. As fontes podem ser aplicativos, instituições científicas, sites, blogs, “influenciadores”, entre outras.
- As pessoas podem se sentir ansiosas, deprimidas, sobrecarregadas, emocionalmente exaustas e incapazes de atender a demandas importantes.
- Ela pode afetar os processos de tomada de decisões quando se esperam respostas imediatas e não se dedica tempo suficiente para analisar com cuidado as evidências.

- Não há controle de qualidade do que é publicado nem, às vezes, do que é usado para agir e tomar decisões.
- Qualquer pessoa pode escrever ou publicar qualquer coisa na rede (podcasts, artigos, etc.), principalmente nos canais das redes sociais (contas de indivíduos e instituições).

Uma das questões do excesso de informação é uma produção de material excessivamente superficial, sendo que as *fake news* estão inseridas dentro da infodemia, sendo esta mais abrangente que aquela. Ou seja, a infodemia é conceituada com o excesso de informações – verídicas ou não, sendo que as *fake news* são apenas uma ramificação dela.

Ainda, ressalta SCHUELER (2020) que dados que expõem que 55% dos brasileiros acreditam que o *Facebook* é uma das principais fontes de informação e acrescenta que em uma outra pesquisa, 72% dos brasileiros se informam por mídias sociais – e confiam mais nelas do que na mídia impressa.

Nota-se que a questão da desinformação é um problema real e junto da falta de confiança na mídia apresentam-se como problemas estruturais, de raízes muito profundas.

Diante disso, a OMS – Organização Mundial da Saúde – afirma que “a desinformação coloca a saúde e as vidas em risco, além de minar a confiança na ciência, nas instituições e nos sistemas de saúde”.

A dista disso nota-se que a preocupação com relação às notícias falsas veiculadas principalmente por mídias sociais e aplicativos de mensagens é uma preocupação mundial e um risco grave à Saúde Pública (OPAS, 2020).

Fake news, por assim dizer, são informações falsas ou imprecisas que são intencionalmente enganosas. No contexto da atual pandemia, afeta profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde física e mental das pessoas, pois as buscas por atualizações do COVID-19 na Internet aumentaram de 50% a 70% em todas as gerações (OPAS, 2020).

Em uma pandemia, a desinformação prejudica a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são fabricadas e compartilhadas sem verificar a fonte ou a qualidade.

Grande parte dessa desinformação é baseada em teorias da conspiração; alguns inserem elementos dessas teorias em discursos aparentemente tradicionais. Informações imprecisas e falsas estão se espalhando sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, causas, tratamentos e mecanismos de transmissão (XAVIER, 2020).

Dentro desta reflexão, é importante compreender que toda situação de infodemia, desinformação e o reflexo que isso causa na saúde no bem-estar social está completamente

interligado. Nesta ótica, veja-se a figura abaixo:



Figura 01: Relações dinâmicas entre desinformação, infodemia e caos social
Fonte: FERREIRA e col. (2021).

A desinformação pode se espalhar e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e potencialmente levando-as a correrem maiores riscos (SANTANA, 2020).

3.2.3 O cenário político ante à veiculação de fake news

As *fake news* vinculadas à COVID-19 estão intimamente ligadas ao processo negacionista no Brasil e no mundo, tendo em vista a sociedade, desinformada e, até sem querer confiar na ciência, sendo que atual governo contribuiu exacerbadamente para a descredibilização dos alertas de cientistas, profissionais da saúde e até de veículos de informações sérios e verídicos sobre os cuidados contra o vírus – como higienização das mãos e uso de máscara de forma correta, distanciamento social e vacinação, por exemplo.

A respeito da vacinação, é importante mencionar o que aduz a diretora do Laboratório de Virologia do Instituto Butantan, Viviane Fongaro Botoss (2020):

A melhor forma de se prevenir contra doenças infecciosas é a vacinação. Quando as pessoas deixam de se vacinar, podem levar às chamadas “falhas vacinais” e, assim, doenças que eram consideradas eliminadas podem voltar. Em 2019, com o ressurgimento de casos de sarampo causados pela reintrodução do vírus no Brasil, aliado ao aumento do número de pessoas suscetíveis por não estarem vacinadas, o país perdeu o certificado de erradicação do sarampo que havia recebido em 2016 da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS/OMS).

Portanto, tomar uma vacina não é apenas um cuidado individual. É um ato de saúde

coletivo: quanto maior o número de pessoas imunizadas, maior a possibilidade de se eliminar a circulação do agente e, com isso, preservar vidas.

É sabido que os governantes têm a incumbência e responsabilidade em fiscalizar e, realizando acordos, convocações e estratégia juntamente com os veículos de informações e especialmente mídias sociais para coibir a propagação de notícias falsas para reduzir, ou quem saiba, evitar a infodemia que vem ocorrendo na sociedade mundial e vem só crescendo nos últimos tempos.

Deste modo, verifica-se a importância do debate sobre as *fake news* no cenário da pandemia COVID-19 para a Saúde Pública, vez que impacta diretamente em como os cidadãos, governantes e as próprias mídias sociais irão propagar e receber notícias.

O cenário político atual, desde o início da pandemia, não tem auxiliado de forma efetiva no combate às *fake news*, pelo contrário, tem incentivado comportamentos negacionistas e até propagado informações inverídicas, corroborando com o ceticismo com relação aos cuidados e a gravidade da COVID-19 e movimentos antivacina. Assim:

As fake news que circulam atualmente no Brasil compartilham das mesmas questões de fundo e estão relacionadas com o mesmo caldo de cultura política. Além disso, o contexto político atual de forte descrédito e radicalização política também dá aspectos políticos às fake news relacionadas à COVID-19, estimulando as disputas entre conhecimentos em torno da pandemia (CASTILLO et. al., 2020, p. 8).

Deve, portanto, haver alertas e fiscalização a respeito da confiabilidade das notícias veiculadas nos meios de internet, sites e mídias sociais, além oferta e disseminação de informações de forma gratuita e acessível fornecida pelo governo aos cidadãos no geral e, por fim e não menos importante, o senso crítico, questionamento, e reflexão da sociedade o geral sobre a veracidade da informação repassada (*é verídico? é útil? Vai mudar a vida de alguém?*).

Segundo Larissa Domingues (online, 2020, p. 16):

Observo que o contexto da pandemia de Covid-19 tem deixado cada vez mais evidente a necessidade de segmentar e personalizar a comunicação de risco de acordo com quem falamos, além de aprender a falar sua língua, considerando e respeitando suas especificidades culturais, sociais, políticas e econômicas. Ao comunicar riscos, também é importante considerar que as mensagens precisam estar acessíveis nos meios de comunicação mais utilizados pelo público-alvo, sejam online ou offline.

Neste sentido, o próprio Ministério da Saúde, com conhecimento de sua importância e responsabilidade no que tange ao controle sanitário e ao combate de doenças e propagação de informações baseadas em dados e literatura médica e científica, também teve sua credibilidade questionada diversas vezes, haja vista que houve vários conflitos de informações, muitas delas inverídicas, e, ainda, tendo sido exonerados mais de 3 (três) ministros da saúde em menos de 1 (um) ano, o que trouxe para a população no geral mais preocupação e desconfiança no que acreditar para combater ou se proteger deste vírus de alta mortalidade.

Sobre a atuação política no que tange às *fake news* relacionadas à COVID-19, observa FERREIRA e col. (2021, p. 44):

No Brasil, o líder do Poder Executivo contradisse, com discursos e ações, as recomendações de instituições nacionais e internacionais, notadamente, do Ministério da Saúde (MS) do Brasil e da OMS, sobre isolamento social. Como o ministro da Itália, o presidente brasileiro demonstrou elevado interesse em proteger a economia do país em detrimento da contenção do vírus. Assim, nota-se que este, mesmo acompanhando o caos social do país europeu, negligenciou a preocupação dos especialistas e agiu de forma propícia à instalação do caos. Esse tipo de situação se agrava quando tais atitudes coabitam com *fake news*.

Importa frisar que uma das críticas com relação ao governo é que houve demora para aderir ao enfrentamento e a criar políticas públicas para combater o vírus, sendo inclusive duramente criticado por governantes de outras nações.

Além disso, a Saúde Pública gira nas esferas do governo, devendo ser uma das mais essenciais áreas de investimento público tanto financeiro quanto com relação à criação de programas de melhoramento do sistema de saúde e também de veiculação de informações que ajudem a combater diversas doenças que poderiam ser evitadas ou ao menos reduzir o seu impacto.

3.3 FAKE NEWS E COVID-19

A pandemia da COVID-19 veio para escancarar o perigo das notícias falsas, as denominadas *fake news*, e sua propagação desenfreada atrelada à desinformação dos cidadãos e suas consequências no manejo da doença e o tratamento da Saúde Pública tanto no Brasil

quanto no mundo. A respeito do alto índice de *fake news* referentes à COVID-19, entendem FERREIRA e col. (2021):

Cumprido destacar que o período pandêmico causado pela COVID-19 tem se demonstrado propício para a geração e disseminação de *fake news*, intensificados com os desenvolvimentos das TDCIs, mais especificamente das mídias sociais, contribuindo, assim, para o caos informacional e a desordem social.

Na epidemiologia, as *fake news* criam suspeitas sobre entidades, espalham confusão, alimentam o medo e o caos social. Nos últimos anos, alguns grupos começaram a divulgar conteúdo sobre vacinas nas mídias sociais, enganando o público ao sugerir que as vacinas não são benéficas para quem se vacina como atesta a campanha do governo. Essa prática resultou na diminuição do número de pessoas que recebem doses de medicamentos para determinadas doenças e no aumento do número de pacientes (FERREIRA e col. 2021).

A COVID-19 é uma doença nova que tem causado algumas dúvidas e incertezas entre as pessoas dentre leigos até profissionais de saúde. Ainda não há tratamento específico para o coronavírus, ressaltando a importância de sua prevenção. Toda a população, principalmente os profissionais de saúde, foi simultaneamente surpreendida pelo surgimento do novo vírus e pela abundância de *fakes news*. Isso leva à disseminação de desinformação que, muitas das vezes, causam danos reais à saúde das pessoas, obstam políticas públicas importantes e desacreditam informações oficiais que interessam às pessoas.

Acerca disto, assevera SOUZA (2021, p. 4) que “no contexto do fenômeno das *fake news*, fazer circular o conhecimento científico torna-se fundamental diante das diversas possibilidades de disseminação do saber que as novas mídias proporcionam através do uso da internet”.

A desinformação sobre o COVID-19 tem sido desenfreada, ameaçando não apenas os indivíduos, mas a sociedade como um todo. Isso leva os cidadãos a se colocarem em risco ignorando conselhos científicos; aumenta a desconfiança em políticos e governos; e distrai os jornalistas, que refutam passivamente informações falsas em vez de relatar novas informações de forma proativa. Isso coloca todos na defensiva. As motivações para a desinformação são diversas, como ganhar dinheiro, obter vantagem política, minar a confiança, transferir culpa, polarizar e minar a resposta à pandemia.

Por outro lado, alguns motivadores podem ser ignorância, ego pessoal ou intenções equivocadas de ajudar. As informações falsas resultantes podem ser compartilhadas por indivíduos, grupos organizados, alguns meios de comunicação e canais oficiais – com ou sem

intenção premeditada.

A Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (FIOCRUZ, 2020) realizou uma pesquisa em que se fez uma análise acerca das denúncias de notícias falsas recebidas entre 17 de março e 10 de abril, onde se revelou que 65% delas ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio da COVID-19, 20% mostram métodos caseiros para curar a doença, 5,7% se referem a golpes bancários, 5% fazem menção a golpes sobre arrecadações para instituição de pesquisa e 4,3% se referem ao novo coronavírus como estratégia política.

Na segunda fase do estudo, realizada pela Fiocruz entre 11 de abril e 13 de maio, apontou-se que, entre as *fakes news* notificadas pelo aplicativo, 24,6% afirmam ser a doença uma estratégia política, 10,1% ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus, 10,1% defendem o uso da cloroquina e hidroxicloroquina sem comprovação de eficácia científica e 7,2% são contra o distanciamento social (FIOCRUZ, 2020).

Ainda entre os meses de abril e maio, constatou-se que, entre as *fake news* denunciadas, 2,9% são contra o uso de álcool em gel, 2,9% declaram o novo coronavírus como teoria conspiratória, 1,4% é relacionada à difamação de políticos, 1,4% declaram ter a causa do óbito de parentes alterada para COVID-19 e 0,4% consistem em charlatanismo religioso, com tentativa de venda de artefatos para a cura da doença (FIOCRUZ, 2020).

Assim como as epidemias locais, o impacto das notícias falsas pode afetar negativamente as ações e reações das pessoas no contexto de uma epidemia. Além disso, a ambiguidade da situação e a necessidade de medidas de proteção urgentes agravaram a situação. No entanto, essa resposta pode estar relacionada à falta de uma carga de informações pré-existente que possa orientar as ações de um indivíduo em situações críticas. Dentro deste aspecto, menciona Rodrigues e col. (2021, p. 6):

Ao serem compartilhadas, colocam em risco todo trabalho de orientação desenvolvido por órgãos competentes, influenciando negativamente pessoas a buscarem formas de tratamentos alternativos, não tomarem os devidos cuidados dentro e fora de casa e até mesmo duvidar de dados científicos. Ao confiar em uma notícia falsa, as pessoas colocam a vida em risco ou renegam tratamentos e/ou informações provenientes de informações científicas.

Responsabilidade e solidariedade são as palavras-chave diante desta emergência. O "bom remédio" contra as *fake news* são meios de divulgação e sites governamentais cujo material é de fácil acesso ao público, e geralmente têm-se textos científicos de difícil compreensão para a maioria do público.

O foco da discussão acerca do conflito entre evidência em saúde e desinformação. O debate destacou a necessidade de iniciativas de educação para a cidadania digital, garantindo maior acesso a fontes confiáveis de informação e ainda garantindo a neutralidade da rede. Para isso, fóruns brasileiros como internet, ONGs, movimentos sociais, instituições públicas e privadas devem estar envolvidos no debate sobre o combate às *fake news*, podendo organizar e utilizar diferentes espaços para essa expressão, principalmente os espaços livres, na Internet e redes colaborativas. Neste sentido, compreendeu Rodrigues e col. (2021, p. 8):

As informações sobre Covid-19 apresentadas pelos grandes veículos de comunicação são extraídas das Secretarias Estaduais de Saúde e que as recomendações clínicas e as práticas que devem ser adotadas pelos médicos são oriundas dos protocolos e recomendações da Organização Mundial da Saúde e do Centro de Controle de Doenças (no original em inglês Center for Disease Control – CDC).

Entre as possíveis iniciativas para o combate às *fake news* encontram-se a ampliação à liberdade de forma que possibilitem e desincentivem monopólios privados. OLIVEIRA (online, 2021) alerta para o risco de regulação, mas também afirma que não existir nenhum tipo de controle num contexto onde se utiliza mecanismos de robôs e engenharias industriais para veiculação da desinformação a sociedade é uma ameaça constante aos processos democráticos.

Além disso, destaca que, referente ao tema da saúde, necessita-se de maior investimento para as instituições públicas de pesquisa e ensino tornarem-se protagonista na veiculação e disseminação de informações verídicas nas redes sociais.

O Instituto Butantan (BORTOSS, online, 2022), trouxe algumas orientações e questionamentos que os cidadãos podem fazer para avaliar se as notícias que estão recebendo são verídicas ou não. São algumas delas: 1) “Onde essa notícia foi publicada?”; 2) “A informação apareceu em mais de um veículo de comunicação?”; 3) “Quem é o autor da matéria?”; 4) “O texto segue a estrutura característica de uma matéria jornalística?”; 5) “Quando essa notícia foi publicada?”; 6) “Que tipo de sentimento essa notícia desperta?”.

Neste contexto, como usuários e cidadãos, dotados de direitos e responsabilidades, estes devem se munir de cuidados, analisando tudo o que recebem, olhando de forma crítica para tudo que se lê e compartilha, para não incorrerem no grave erro de disseminarem inverdades - colaborando para o cibercrime e podendo, inclusive, responder cível e criminalmente.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Reflexão sobre as principais *fake news* vinculadas ao coronavírus, seus impactos negativos e como a sua disseminação pode trazer prejuízos para a informação e saúde da população.

4.2 Objetivos Específicos

- Mapeamento das principais *fake news* sobre a pandemia do coronavírus;
- Revisão bibliográfica sobre os impactos das *fake news* na Saúde Pública;
- Discutir a respeito da importância de informações verídicas para a Saúde Pública;
- Orientação de como o cidadão pode filtrar as notícias falsas.

5 METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado no presente trabalho foi, primordialmente, o bibliográfico, através de estudos de artigos científicos, matérias veiculadas na internet e mídias sociais – principalmente em aplicativos de mensagens – informativos e dados úteis para a construção e desenvolvimento do presente trabalho.

Para alcançar os resultados pretendidos, foram feitas pesquisas sobre o conceito pandemia, COVID-19, *fake news*, infodemia, desinformação, Saúde Pública, comunicação e mídias sociais e como o âmbito político enfrenta e lida com a propagação das *fake news* com o foco central na veiculação de notícias falsas relacionadas à pandemia da COVID-19.

Para isso, fez-se necessário analisar as principais *fake news* veiculadas em mídias sociais e para refutar tais desinformações, foi preciso buscar dados e informativos da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde, bem como artigos científicos que transmitam informações verídicas sobre as circunstâncias do vírus, sua propagação, formas de evitar sua contaminação e também quais os tratamentos corretos para uma pessoa infectada.

O marco temporal desta pesquisa foi focado entre 2020 até 2021, vez que a população mundial ainda lida com o vírus e, conseqüentemente, *fake news* ainda estão sendo disseminadas com o intuito de prejudicar o controle do vírus quanto trazer conflitos e prejuízos à Saúde Pública, por várias razões que serão destrinchadas ao longo do trabalho.

Conduzido pelas pesquisadoras da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza Minayo, um estudo identificou as principais *fake news* relacionadas à COVID-19 entre março e maio de 2020.

Ressalta-se que a pesquisa foi organizada pelo critério de análise de artigos científicos e pesquisas de dados, sendo que tipo de pesquisa utilizada no presente artigo foi descritiva e exploratória em relação aos objetivos, visto que, segundo Gil (1996), proporciona uma proximidade com a questão.

A metodologia envolveu pesquisas de dados e bibliografias, através de artigos científicos, matérias jornalísticas e informativas divulgadas pelo Governo Federal, através de sites confiáveis. Os procedimentos de coleta dos dados supracitados foram através de pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem quantitativa e qualitativa, com o intuito de relacionar os dados e matérias para a interpretação.

Ao longo da construção da pesquisa, o primeiro procedimento realizado com relação ao estudo de artigos científicos diz respeito à obtenção do tema, conteúdo, nome do autor,

curso, resumo e ano de publicação.

Em seguida, foram realizadas pesquisas de reportagens de grandes veículos de imprensa, verificando a veracidade das informações veiculadas e, por fim, estudo em informativos e alertas trazidos pelos próprios Governos Federal e Estatal, a fim de trazer dados, informações verídicas e resultados a respeito da COVID-19 e orientações sobre *fake news*.

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A Saúde Pública vem sofrendo sérios danos que poderiam, por vezes, serem evitados, haja vista que, muito influenciados pelas *fake news*, os cidadãos acham que têm conhecimento suficiente para se automedicarem ou, até mesmo, não buscarem ajuda quando necessário, fazendo o quadro clínico piorar ou desenvolvendo certas comorbidades que talvez um tratamento correto fosse eficaz, há o perigo de colapso do sistema de saúde, tanto público quanto particular, como ocorreu no decorrer da pandemia do COVID-19. BARCELOS (2021, p. 2):

Segundo o mais recente Relatório de segurança digital no Brasil, em 2018 o país já estava entre aqueles com maior produção e circulação de *fake news* no mundo. Entre o primeiro e o segundo trimestres de 2018, houve um aumento de cerca de 50% na identificação dessas notícias (15). A pandemia de COVID-19 vem exacerbando esse fenômeno, o qual se tornou motivo de grande preocupação, especialmente diante do aumento progressivo de buscas na Internet sobre temas de saúde por parte da população, sendo o Google a ferramenta mais utilizada. A pesquisa referenciada da Avaaz aponta que nove em cada 10 brasileiros entrevistados leram ou ouviram ao menos uma informação falsa sobre a COVID-19 e que sete em cada 10 acreditam em ao menos uma desinformação veiculada. Ainda, outra pesquisa apontou que 62% dos brasileiros não sabem reconhecer se uma mensagem é falsa ou verdadeira.

Por estas razões, necessário se faz desenvolver debates, realizar pesquisa de dados e, sobretudo, implementar políticas de conscientização, fiscalização e informação aos cidadãos de forma acessível para que sejam veiculadas somente informações verídicas/com embasamento científico e que a população no geral tenha acesso.

6.1 FAKE NEWS RELACIONADAS À COVID-19

Conforme discutido no presente trabalho, existem inúmeras *fake news* a respeito da COVID-19 propagadas de forma incontrolável, alterando a compreensão dos receptores a respeito desta grave e contagiosa doença. No quadro a seguir, extraído de informações do Medicina sem Fronteiras (2021), o qual utilizou-se como critério de escolha notícias mais veiculadas em meios de comunicação. Entre estas, estão:

FAKE NEWS	Informação verdadeira
<i>Existe um medicamento específico para o tratamento ou a prevenção da COVID-19 (MSF, 2020).</i>	Falso. Não existe qualquer comprovação de que a hidroxicloroquina ou qualquer outro medicamento possa curar ou prevenir a COVID-19.
<i>O consumo de álcool protege contra a COVID-19 (MSF, 2020).</i>	Falso. Inexiste vínculo entre a ingestão de álcool e o combate ao coronavírus.
<i>Animais de estimação podem transmitir a COVID-19 aos humanos (MSF, 2020).</i>	Falso. É impossível afirmar que os animais possam contar os seres humanos com esta doença.
<i>A COVID-19 só é letal em idosos (MSF, 2020).</i>	Falso. Apesar de idosos e portadores de doenças crônicas serem os mais propensos de serem levados a óbito pela COVID-19, as pessoas jovens e saudáveis não estão imunes da letalidade desta doença.
<i>Só pessoas sintomáticas transmitem a COVID-19 (MSF, 2020).</i>	Falso. Mesmo uma pessoa assintomática pode transmitir o vírus, de acordo com estudos da OMS.

Quadro 01 desenvolvido por: Bianca Resende Viana
Fonte: Medicina Sem Fronteiras (2020)

Quadro 2. Quadro de exemplos de *Fake News*, segundo o Banco de Dados do Ministério da Saúde (BR), Brasil, 2020:

Categoria	Título da Notícia	Veículo de Informação	Contra argumentação
Informações relacionadas aos discursos de autoridades na saúde	Aplicativo Coronavírus-SUS, do Governo do Brasil, é inseguro	WhatsApp	O aplicativo Coronavírus-SUS-COVID-19, foi desenvolvido pelo Ministério da Saúde, com as precauções de segurança em sua construção e na divulgação das informações.
Terapêutica	Tomar bebidas quentes para matar o coronavírus	WhatsApp	A mensagem possui características de Fake News , pois os dados e informações são vagas, com erros ortográficos e pede seu compartilhamento. Ademais, a comunidade científica e a OMS não reconhecem nenhuma substância ou medicamento para cura da COVID-19.
Medida de prevenção	Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previne coronavírus	WhatsApp	Até o momento, não há evidência de nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento, muito menos beber muita água e fazer gargarejo com estas substâncias para prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).
Prognósticos da doença	Pesquisa publicada por cientistas chineses diz que coronavírus tornará a maioria dos pacientes do sexo masculino infértil	Internet	O artigo citado está em fase de pré-publicação e não foi revisado pelos pares, portanto tem pouco valor científico no momento. Esse artigo traz dados preliminares sobre a possibilidade de infecção de células do testículo pelo coronavírus (COVID-19), porém menciona que não existem dados suficientes para se estabelecer um risco de esterilidade masculina.
Vacinação	China anuncia vacina para coronavírus	Internet	Não há vacina contra o coronavírus até o momento, apesar de haver pesquisas em andamento.

Fonte: Cogitare Enfermagem
Autores: NETO M. et. al. (2020)

Existem inúmeras outras notícias falsas a respeito da COVID-19 espalhadas por todo o mundo, especialmente em mídias sociais e aplicativos de comunicação como *Telegram* e *WhatsApp*, por exemplo. Ressaltam-se, desta forma, que as *fake news* apontadas acima são amostras de algumas das incontáveis disseminadas pelos países ao redor do mundo que foram atingidos pelo vírus da COVID-19.

O compartilhamento de notícias falsas se espalhou rapidamente e alguns funcionários do governo começaram a questionar as evidências científicas na arena política, expondo a população ao risco de espalhar má conduta. Além disso, sua construção conecta usuários de diversos temas nas mídias sociais, o que nos faz pensar na formação da opinião pública (NETO M. et. al., 2020).

Assim, isso leva à crença de que a verdade é feita e construída para um determinado grupo. Nesse sentido, veio à tona o debate sobre as *fake news* em prol da Saúde Pública durante a pandemia do COVID-19. Ou seja, as informações divulgadas e identificadas pelo Ministério da Saúde apontadas no **Quadro 2**, confundem a população, vez que, quando compartilhadas, o comportamento comandado é colocado em risco.

Deve-se notar que, apesar de outros fatores que levam à má conduta, é preciso considerar de forma justa e igualitária aqueles que não têm acesso à saúde, recomendado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (NETO M. et. al., 2020).

6.2 IDENTIFICAÇÃO E COMBATE DAS *FAKE NEWS*

Para combater a disseminação desenfreada das *fake news* e seu impacto principalmente na Saúde Pública, é necessário que se tenha maiores orientações a respeito de como reconhecê-la. Para tanto, orienta-se, principalmente, que se verifiquem as fontes utilizadas por aquela informação recebida e/ou compartilhada em mídias sociais e sites que não têm embasamento jornalístico e científico.

O Ministério da Saúde, conforme verifica BARCELOS (2021), dá algumas orientações de como se prevenir da desinformação e de compartilhar *fake news*, entre elas: é essencial que se questione o teor daquelas informações trazidas e se o conteúdo lido faz sentido com os dados veiculados por matérias jornalísticas verídicas; títulos e subtítulos também costumam ter chamadas sensacionalistas e textos de conspiratórios, e, caso ainda reste

dúvidas, indica-se evitar o seu compartilhamento.

Ainda, é essencial que se verifique a data de publicação da informação veiculada e se as imagens publicadas – caso haja – vinculadas à narrativa são antigas. É importante que se verifique, por exemplo, se existe alguma menção à órgão e instituições oficiais relacionados à saúde e se existe um autor daquela notícia compartilhada. Isto posta frisa-se que:

Refletir sobre as Fake News na contemporaneidade é pensar nas publicações com base nas evidências científicas. Estas, com termos técnicos, próprios dos centros de pesquisa, precisam ser decodificadas à população para melhor entendimento, o que remete à aplicação da técnica da comunicação denominada de AIDA – Atenção, Interesse, Desejo e Atitude – utilizada pelos jornalistas para a imprensa social NETO M. et. al. (2020).

Consoante entende FERREIRA et. al. (2021), saber reconhecer uma *fake news* e buscar combatê-las no campo da internet é completamente imprescindível. As respostas de capacitação e credibilidade são complementares às respostas educacionais.

O objetivo é instrumentalizar ferramentas de verificação de conteúdo e indicadores de conteúdo na internet, com a finalidade de capacitar cidadãos e jornalistas para que não sejam vítimas de desinformação sobre o COVID-19 (FERREIRA et. al., 2021).

Eles também incentivam as empresas de mídia a adotar boas práticas na distribuição de informações. Uma resposta amplamente utilizada é a sinalização, que envolve o fornecimento de links para fontes confiáveis de informação. Não se pode ignorar que o combate às *fake news* e à desinformação vai além dos alertas imediatos e das medidas de contenção. Há também a necessidade de preparar a sociedade para lidar com essas informações.

No entanto, reconhecer notícias falsas exige do indivíduo um potencial crítico básico, embora não seja uma tarefa impossível, tendo em vista que “Grande parte das *Fake News* é de fácil identificação por seu teor bizarro, controverso, mal elaborado e sem critérios mínimos de validação [...]” (OLIVEIRA; SOUZA, 2018). Embora:

(...) Parte das que circulam atualmente nos meios eletrônicos já carrega um elevado nível engenhosidade, e elas são eficazes em provocar desestabilização individual e coletiva, que, dependendo do nível de envolvimento social, promove caos generalizado (FERREIRA et. al., 2021).

A seguir, serão mostradas algumas figuras de orientações a respeito do combate e

filtragem das *fake news* e como os cidadãos devem agir caso recebam alguma notícia através de mídias sociais com perfil suspeito.



Figura 02

Fonte: Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
Autor(a): Denise Cunha



Figura 03

Fonte: Instituto Federal da Bahia – Física contextualizada (2020)

Por: Laura de Araujo Rodrigues, Raiane de Araujo Brandão, Styves Barros Miranda.

Assim, o mais importante ao receber uma notícia através de mídias sociais, é evitar o seu compartilhamento sem antes realizar todos os passos de avaliação de transparência daquela informação e se assegurar de que os seus receptores recebam apenas informações úteis para a sua saúde e dos seus demais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil e o mundo enfrentam, desde março de 2020, uma das maiores pandemias de todos os tempos: o vírus da COVID-19. Através de estudos, constatou-se que este vírus foi identificado no final de 2019, mais precisamente no mês de novembro, na cidade de Wuhan na China. A partir disso, o vírus se espalhou numa proporção incontrolável, que acometeu grande parte dos países ao redor de todo o mundo.

O vírus da COVID-19 pode ser identificado através de testes como RT-PCR (*Polymerase Chain Reaction*), sendo que seus principais sintomas são: febre, tosse, cansaço, perda de paladar ou olfato, podendo evoluir para quadros mais graves, onde o paciente incorre em riscos até de ser levado a óbito.

Com o surgimento deste vírus novo e tão agressivo, a população mundial ficou alarmada e preocupada com o controle e os cuidados com esta doença, tendo em vista o seu alto risco de contágio.

Apesar das orientações de profissionais da saúde, de cientistas a respeito da gravidade da doença e da sua propagação em massa, além da perda de milhões de vidas até o presente momento, ainda existe um índice altíssimo de disseminação de notícias falsas – as denominadas *fake news*, que são aquelas compartilhadas sem qualquer teor científico ou informativo comprovado.

As fake news são propagadas tanto por desinformação quanto por má-fé, a depender da intenção do transmissor com relação ao compartilhamento daquela notícia inverídica, que, na maioria das vezes é disseminada através de mídias sociais, ressaltando os meios de comunicação como *telegram* e *whatsapp*.

É importante também lembrar que o processo negacionista no Brasil e em determinados países pelo mundo corroborou muito para a falta de credibilidade da população no que alertava e continua alertando os cientistas, médicos e demais profissionais da saúde a respeito dos cuidados, tratamento e prevenção do vírus da COVID-19.

Tal fato tem gerado um grande impacto na Saúde Pública, vez que as pessoas acometidas tanto pelo excesso de informação – denominada infodemia, quanto pela veiculação massificada de notícias falsas não respeitam ou desacreditam das orientações trazidas por cientistas, instituições e profissionais de saúde e dos meios jornalísticos oficiais.

Em vista disso, é essencial que haja fiscalização governamental a respeito das *fake news* e orientações de como identificar notícias falsas e forma de combatê-las e denunciá-las

aos órgãos competentes, para que, assim, se evite ou ao menos diminua os riscos à Saúde Pública que a desinformação acarreta.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA SENADO. **Desinformação e fake news são entraves no combate à pandemia, aponta debate.** [Internet] 2021. Acesso em: 17 de março de 2022. Disponível em: [://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entreve-no-combate-a-pandemia-aponta-debate](http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entreve-no-combate-a-pandemia-aponta-debate).

ANDRADE, Clarissa Dias Rodrigues Andrade; LOPES, Guilherme Augusto Hilário. **Boletim de Conjuntura - BOCA - Brasil República: Uma História De Surtos, Pandemias E Epidemias.** Acesso em: 31 de março de 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4513763>.

BARATA, Lurdes. **As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade.** Publicado em março de 2020. Acesso em: 01 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>.

BARCELOS, Thainá do Nascimento de; MUNIS, Luíza Nepomuceno; DANTAS, Deborah Marinho; JUNIOR, Dorival Fagundes Cotrim, CAVALCANTE, João Roberto Cavalcante, FAERSTEIN, Eduardo. **Análise de Fake News veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil.** [Internet] 2021. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rpsp/2021.v45/e65/pt/>.

FERREIRA, João Rodrigo Santos; LIMA, Paulo Ricardo Silva; SOUZA, Edivanio Duarte. **Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19.** Em *Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-58, 2021. Doi: 10.19132/1808-5245271.30-58.

CASTILLO, Sofia Isabel Vizcarra; SANTOS, Débora de Oliveira; CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de. **Fake News no contexto da pandemia de COVID-19: considerações a partir da cultura política.** Publicado em: Jun/2020. Rizoma, Santa Cruz do Sul.

FIOCRUZ. **Conheça 6 'fake news' sobre as vacinas contra a Covid-19.** [Internet] 2021. Acesso em: 31 de março de 2022. Disponível em : <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51261>.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. **Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil.** [Internet] 2020. Acesso em: 30 de setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>.

GOVERNO FEDERAL. Como é transmitido? Publicado em 08/04/2021. <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-e-transmitido>. Acesso em: 20 de março de 2022.

HENRIQUES, C. M. P.; VASCONCELOS, W. “**Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil**”. Estudos Avançados, vol. 34, n. 99, agosto, 2020.

INSTITUTO BUTANTAN. **Além da Covid-19, enfrentamos outra epidemia: a de fake news; saiba como se proteger desse “vírus”**. [Internet] Publicado em 17 de fevereiro de 2022. Acesso em: 15 de março de 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/bubutantan/alem-da-covid-19-enfrentamos-outra-epidemia-a-de-fake-news--saiba-como-se-proteger-desse-%E2%80%9Cvirus%E2%80%9D>.

JÚNIOR, João Henriques de Sousa; RAASCH, Michele, SOARES, João Coelho; RIBEIRO, Leticia Virgínia Henriques Alves de Sousa. **Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil**. [Internet] Publicado em: 16-04-2020. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978>.

MATOS, Rafael Christian de. **Fake news frente a pandemia de COVID-19**. [Internet] 2020. Acesso em: 10 de outubro de 2021. Disponível em: <http://orcid.org/0000-0003-2644-7305>.

MSF - MEDICINA SEM FRONTEIRAS. <https://www.msf.org.br/noticias/5-fake-news-relacionadas-covid-19/>

NETO M.; Gomes T de O, Porto FR, Rafael R de MR, Fonseca MHS, Nascimento J. **Fake news no cenário da pandemia de Covid-19**. Cogitare enferm. [Internet]. 2021, acesso em: 19 de setembro 2021; 25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.

OLIVEIRA, Giulia Cristina Rodrigues de; OLIVEIRA, Natália. **Saúde e Fake News: o impacto das notícias falsas no comportamento da população em meio à pandemia da COVID-19** [Internet]. 2020, acesso em: 22 de setembro 2021; Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/24603>.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Ferramentas de conhecimento. [Internet] 2020. Acesso em: 29 de setembro de 2021. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16.

POSETTI, Julie Posetti; e BONTCHEVA Kalina. **Infodemia: a desinformação e a alfabetização midiática no contexto da COVID-19**. Panorama Setorial da Internet Publicação: Setembro, 2021.

Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-58, jan/mar. 2021

SOUZA, Allan Rocha. OLIVEIRA, Vinícios de. **Fake news x evidências em saúde em tempos de pandemia: um desafio para internet.** [Internet] 2021. Acesso em 18 de março de 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fminhaagenda.nic.br%2Ffiles%2Fapresentacao%2Farquivo%2F948%2FFakeNewsXEvidenciasSaude.pdf&clen=207768&chunk=true>.

SCHUELER, Paulo. **COVID-19 - ONU e OMS pedem medidas firmes contra fake news** [Internet] 2020. Acesso em: 29 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1996-covid-19-onu-e-oms-pedem-medidas-firmes-contrafake-news>.

SILVA, Paulo R. Vasconcellos; CASTIEL Luis David. **COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas.** Publicação: Jun/2020. CSP – CADERNO DE SAÚDE PÚBLICA.

XAVIER, F., OLENSCKIANDRE João Rodrigo W.; ACOSTA, Luis; Sallum MAM; SARAIVA Antonio Mauro. **Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19.** [Internet] 2020. Acesso em: 22 de setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.016>.